

VIAGEM AO CENTRO DO TERROIR: OBSERVANDO POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS

Demétrios Sarantakosⁱ

Mestrando em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

Este presente artigo propõe uma releitura e uma revisão sobre o conceito da geografia agrária francês de *terroir*, abordando pelos conceito-chave da geografia, discutiremos a importância de entendermos este conceito, por sua formação e unicidade, por variáveis físicas, humanas, ambientais. Através de uma viagem geográfica à região de *Champagne-Ardenne* e discorrendo com autores de diferentes escolas geográficas, tentaremos, através de descrições imagéticas, tentaremos adentrar neste riquíssimo conceito, que tão pouco é abordado nas academias e, tem em si, inúmeras possibilidades geográficas.

Palavras-chave: *Terroir*, *Champagne-Ardenne*, Geosímbolos, *Champagne*, Geografia cultural.

JOURNEY AT THE CENTER OF TERROIR: WATCHING GEOGRAPHICAL POSSIBILITIES

Abstract

This article proposes a (re) reading and a review of the concept of French agrarian geography of *terroir*, addressing the key concepts of geography, we will discuss the importance of understanding this concept, by its formation and uniqueness, by physical, human, environmental variables. Through a geographical trip to *Champagne-Ardenne* and, a dialogue with authors from different geographical schools, using imagery descriptions, we will try to get into this very rich concept, which is so little approached in the academies and, in itself, has innumerable geographical possibilities.

Keywords: *Terroir*, *Champagne-Ardenne*, *Champagne*, Geosymbols, Cultural Geography

ⁱ *Endereço institucional: Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro - RJ, 22451-900- Rio de Janeiro*

Endereço eletrônico:
d.sarantakos77@gmail.com

1. Introdução

Que a geografia é também uma ciência imagética, não temos dúvidas. De Mackinder a Liz Maximiliano (2004), inúmeros autores discorreram sobre a utilização de imagens como forma de entendimento e estudo em nossa ciência.

A imagem, seja ela um quadro, uma ilustração uma fotografia, um mapa, uma carta geográfica, é uma ferramenta indispensável desde a institucionalização da geografia. O *Naturgemalde* (1805) trazia quadros ilustrados das diversas formas de vegetação encontradas por Alexander Von Humboldt em sua expedição pela América do Sul, uma ilustração do Chimborazo, com um corte em perfil, trazia de maneira ilustrada a aparição de espécies vegetais por diferentes altimetrias (CLAVAL, 2012).

O “*Tableau de la Geographie de la France*” (1903), de Paul Vidal de La Blache, apoiava-se em descrições de “tipos” humanos e “aspectos” físicos regionais acompanhados por figuras e ilustrações, corroborando as descrições (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005).

Na institucionalização da geografia no Brasil, os professores Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, utilizaram-se em diversos trabalhos da invenção de Lumière, a fotografia, com intuito de criar quadros imagéticos do Brasil (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005).

E num momento posterior, a Revista Brasileira de Geografia (IBGE), com intuito de ampliar os debates e discussões, levando os conhecimentos geográficos ao grande público, trouxe em seu fascículo “tipos e aspectos do Brasil”, ilustrações em nanquim e pena de grandes nomes das artes brasileiras como Percy Lau (SARANTAKOS, 2016).

Esta breve apreciação da história do pensamento geográfico, nos permite sem nenhuma dúvida afirmar que sim, a geografia é também uma ciência imagética. Onde o uso de imagens além de ferramenta pode ser visto como uma metodologia, como nos casos, por exemplo, em que corrobora ou ilustra as descrições científicas.

O notório Roderick Nash, um dos pais da história ambiental, propôs o uso de ilustrações científicas como forma de estudo e análise de ambientes e de fenômenos passados (NASH, 1967).

Através do diálogo com a geografia histórica e cultural, discorrendo com autores como Vidal de La Blache, Rieutort, Coriolano, Coelho Costa, Bonnemaïson, Claval, Sauer, Dardel, entre outros e embebidos pelo “espírito imagético” presente em nossa ciência, este presente artigo proporá algo um tanto inusitado, uma “viagem ao centro do *terroir*”. Para esta viagem, nos apoiaremos nos conceitos geográficos para entender esta “palavra-noção”, investigando os fatores geográficos que dão a estas parcelas espaciais características únicas e irreprodutíveis, fato discorrido por Rieutort (2012). Também pretendemos demonstrar como um conceito geográfico é formado ou desdobrado pelo outro.

O *terroir* como já observado caracteriza e qualifica os vinhos, como relembra Tonietto (2007), portanto para melhor entendimento do conceito, nos utilizaremos das regiões vinícolas da França, num exercício teórico, entendendo as unicidades e especificidades desta parcela espacial, o *terroir*.

Para tal, traremos um debate epistemológico, onde definir este conceito torna-se algo fundamental. Sem querer entrar em discussões semânticas, nos apoiaremos na abordagem de Coelho Costa e de Coriolano (2014), que optaram por manter o termo *terroir* em seu idioma original, o francês, sabida decisão que também faremos, para distinguir *terroir* de território, confusão que os autores apontam ser frequente (COELHO COSTA *et. CORIOLANO*, 2014).

Apoiados na imagem e na descrição, enquanto metodologia de empiria, usaremos de todos os cinco conceitos da geografia, entendendo que os conceitos geográficos estão sempre presentes uns nos outros, visto que são formas específicas de análise do espaço (SANTOS, 1978), ou seja, são ferramentas teóricas (HAESBAERT, 2014).

Atentamos ao fato de que alguns conceitos ou conceptualizações são apropriados por outros campos da ciência e, em se tratando de uma parcela espacial, o *terroir*, deve ter a atenção de nossa ciência, afinal como relembra Milton Santos, “qual-

quer objeto na superfície terrestre, é objeto de estudo e de interesse da geografia” (SANTOS, 1996).

Chama-nos a atenção a leitura de Blume (2008) e de Costa Coelho *et. Coriolano* (2014). Os autores apontam que, entre os anos de 1945 e 2006, apenas 68 artigos com a temática de terroir foram encontrados nas buscas de Blume aos sites “*Web of Science*”, “*Derwent Innovation Index*” (DII) (BLUME, 2008 *Apud. COSTA COELHO et. CORIOLANO, 2014*).

Apontamos que os artigos específicos de geografia são muito raros.

Observação fundamental que exige, para este artigo que tenhamos o cuidado redobrado ao abordar determinados conceitos não geográficos, visto que as ciências do turismo, gastronomia e da agronomia, discorrem com o *terroir* com maior frequência.

O que nos remete a Santos (1996), observando que, quando vamos trabalhar com conceitos “importados”, ou seja, oriundo de outras disciplinas, devemos ter o cuidado de adapta-los a geografia. Blume e Specht (2010), por exemplo, nos permitem observar a presença de uma análise baseada em técnicas e saberes geográficos que são compartilhados, apropriados e reutilizados com/e pela ciência agrônômica.

Terroir um conceito geográfico

Os autores Blume e Specht (2010) definem uma noção de *terroir* enquanto uma parcela terrestre vinculada às condições do meio físico (*milieu physique*), considerando propriedades geográficas representadas por morfologia, pedologia e climatologia locais.

Embasados na abordagem de Dubos (1984) que descreve o *terroir* como uma “unidade natural”, que se manifesta nas terras de determinado recorte espacial e que propiciam aptidões agrícolas pelos fatores geofísicos supracitados (*Apud. BLUME et. SPECHT, 2010*).

A obra de Derruau (1949, *Apud. RIEUTORT, 2012*), apresentou, anos antes, a noção conceitual de um “território desenvolvido e que obteve forma pelo ser humano”. Noção da qual se utiliza Fel (1962, *Apud. RIEUTORT, 2012*), para acrescentar a dimensão cultural.

Barjolle, Boisseaux e Dufor (1998 *Apud*. RIEUTORT, 2012) apresentaram o *terroir* como um conceito e uma parcela espacial advinda de uma somatória de fatores físicos e humanos, sem estabelecer uma ordem de preferência.

Casabianca *et al.* definem o *terroir* como uma:

Parcela do espaço terrestre, na qual uma determinada comunidade constrói, ao longo de sua história um saber coletivo de apropriação, trabalho e utilização dos recursos oferecidos pelo meio-ambiente” (CASABIANCA, 2006 *Apud*. BLUME *et.* SPECHT, 2010).

Entendendo a criação de um *terroir*

Autores de diferentes épocas e escolas podem mostrar que o processo de configuração atual, tanto do espaço quanto da sociedade, se explica por uma diacronia, onde se percebem processos de rupturas e de continuidades tanto dos “tipos”, quanto dos “aspectos”.

Paul Vidal de La Blache (1911) observou e definiu o “gênero de vida”, que nos permite entender as “técnicas” humanas e as “características” morfológicas e ambientais de uma área. Ao longo dos séculos, de geração em geração, no que Vidal (*Apud*. LIRA, 2012) denomina de “trabalho secular dos homens”, as aparentes dificuldades impostas pelos “aspectos” são transpostas pela sociedade, vista como um dos agentes modeladores do espaço juntamente com os fatores abióticos, como clima.

Assim deduzimos que os espaços também se modificam e se conformam por “trabalhos seculares” naturais e humanos, onde as formas físicas e conteúdos humanos são produtos desta ação com esta observação entendemos porque Lefebvre (1974) conceitua o espaço como “construção histórica”.

Vidal corrobora com a leitura espacial de Henri Lefebvre (1974), que aponta as questões históricas na construção da diagramação (organização) espacial atual, onde podemos entender a construção do espaço enquanto um conjunto “multiforme e multitemporal” (SANTOS, 1996).

Ferreira (2007) aponta que o espaço é um “produto” e um “produtor”, também conseguimos observar que o espaço é um produto (desta ação secular físico-humano) e um produtor (de técnicas, de cultura), ou do próprio “gênero de vida”.

Estes três autores nos permitem inferir que a diferenciação dos espaços é algo constituído diacronicamente, de modo que, determinada parcela espacial modele o ser humano, à medida que, o ser humano a modele, criando assim “tipos” e “aspectos” específicos e únicos (VIDAL DE LA BLACHE, 1911).

Estes agentes (físicos, bióticos e humanos) vão, cada uma ao seu modo, gerando feições únicas nestas distintas parcelas espaciais. Então inferimos que o *terroir* é uma forma de análise histórica da relação entre “tipos” humanos e “aspectos” físicos, onde pelo estudo do passado, podemos entender como se criou uma feição morfológica, uma organização espacial e social presente em determinada área.

Retomando a visão de Barjolle (1998 *Apud.* RIEUTORT, 2012), que aponta uma somatória de fatores em “ordem não preferencial”, inferimos que os *terroirs* apresentam diferenciações internas na criação de “técnicas” humanas de acordo com os diferentes “aspectos” ambientais, lidas como “itinerários sócio técnicos” (RIEUTORT, 2012). Abordamos também criação de cultura e de tradição, questões abióticas, e questões bióticas.

Respectivamente a ação antrópica num ambiente cria técnicas como respostas adaptativas ao meio, onde as práticas espaciais incluindo, desmatamentos, queimadas, pecuária, plantios e técnicas mais modernas, como irrigação e fertilização modificam as características originais (pré-humanas) de um meio.

Clima e relevo configuram feições e comportamentos únicos de acordo com diferentes latitudes e longitudes, onde movimentos de massa, chuvas ou secas, tremores e enchentes, modificam as feições imediatas deste meio.

As vegetações tradicionais (primárias ou originais de um ambiente) e posteriormente as introduzidas por grupos humanos, e os animais desta parcela espacial (originais e introduzidos), modificam a atmosfera e o solo do local, seja pelos dejetos, transporte de polens e sementes, alimentação ou pelas dinâmicas de criação de serapilheira e de folhas, frutos e raízes no solo.

A somatória destes fatores ao longo dos séculos cria uma parcela espacial única, muito pelo que Rieutort (2012) apresenta enquanto a lógica que dois *terroirs* não são idênticos (apresentam todos os fatores iguais em intensidade e tempo) em toda sua criação e modelação enquanto “aspecto”. A diferenciação de um destes fa-

tores já se faz suficiente para conferir uma “originalidade” e “tipicidade” (RIEU-TORT, 2012).

Terroir e o poder aglutinador

Se Moore observa que, a região é um conceito que se adequa as escolhas metodológicas do pesquisador, e, portanto, deve ser usada como forma e ferramenta de análise (MOORE, 2008 *Apud.* HAESBAERT, 2014), o estudo de *terroir* nos permite distintas formas de regionalizar um espaço

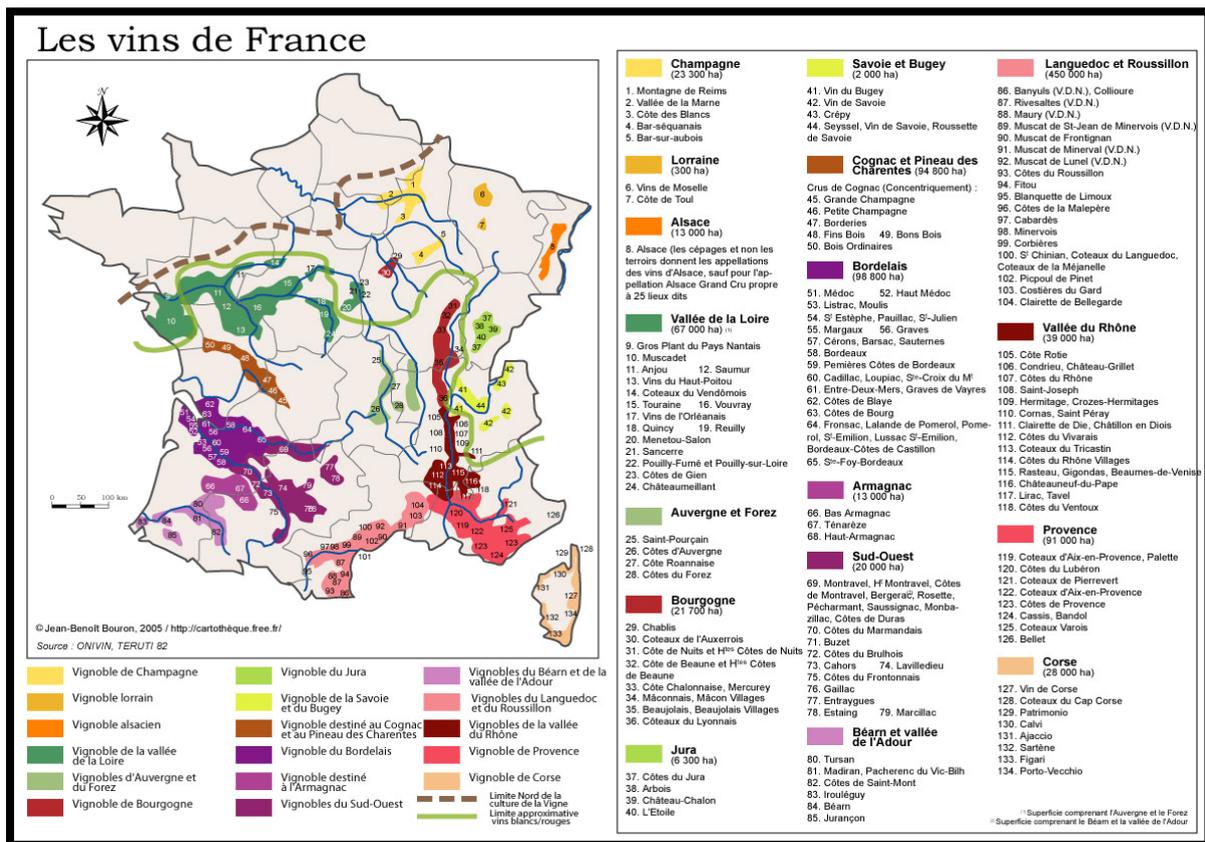
Se falarmos somente áreas que produzem vinhos, temos uma possibilidade de regionalização, que se torna mais específica se pensamos em áreas que produzem o vinho “Bordeaux”, da mesma maneira traríamos uma regionalização ainda mais específica se pensamos nos *terroirs*, cada *terroir* pode produzir uvas diversas e vinhos diversos, com uma única uva ou com *blend* de uvas. Assim notamos que para fins de pesquisa e de planejamento, o terroir preserva uma gama de características que devem ser levadas em conta. De tipos a aspectos, de cultura a relevo, de clima a tradição, o terroir pode permitir o que Bonnemaison (2012) chama de “cartografia cultural”.

Figura 1: Mapa das Regiões Viticultoras da França. Fonte: Onivin, Teruti.

Pela possibilidade agutinadora, cria-se regiões funcionais, as quais, Ferrão entende como a “adoção de conceitos que procuram entender as geografias que cruzam delimitações político-administrativas” (FERRÃO, 2012 pp. 9).

Ferrão define “funcional, como produzido pela observação da integração de espaços por relações, fluxos e sistemas, naturais ou humanos, físicos ou imateriais” (FERRÃO, 2012 pp. 9).

Como supracitado este mapa permite que analisemos a região pelo viés da viticultura, onde temos uma regionalização funcional da França. Notemos na legenda a direita, os *terroirs* deste País. São 134 diferentes parcelas espaciais que pertencem a um mesmo território nacional. Se escolhermos qualquer um destes, analisando pelo prisma da geografia histórica e cultural, perceberemos o quão rico e multifacetado e o espaço nacional francês e quantas diferenças podemos encontrar, desde as forma-



ções históricas regionais, ambientes e “gêneros de vida”

O *terroir*, enquanto aglutinador espacial nos permite esta análise, onde veremos formações espaciais diferentes entre parcelas próximas cartograficamente. Desta forma, é possível “discutir os fundamentos de uma teoria do campo cultural como elemento construtivo da região” (BÉLANGER, 1977 *Apud.* BONNEMAISON, 2012, pp. 281). Dissecando os *terroirs* encontramos “paisagens tipo” do *terroir*, numa linha de raciocínio inversa a de Vidal de La Blache (1903), que das paisagens observou semelhanças regionalizantes, observamos que ao adentrarmos mais nas regiões, podemos encontrar paisagens do *terroir*.

O *terroir*, pelo que discorreremos, permite que o classifiquemos pelo que Raffestin denominou de “geoestrutura”, ou seja, “um sistema real a se tornar inteligível” (RAFFESTIN, 1977 *Apud.* BONNEMAISON, 2012 pp. 281).

Bonnemaison aponta que “espaço é formado por um conjunto de geoestruturas aplicadas ou encaixadas sobre meios naturais, dos quais as paisagens são reveladoras visuais” (BONNEMAISON, 2012 pp. 292).

Partindo desta geoestruturas, poderemos analisar o terroir de uma maneira teórica e prática, entendendo mais uma parte de sua “força geográfica”, e não apenas por ser uma parcela espacial.

A leitura espacial de Buttmer (1969, 1976), da qual partia de uma “constatação de geoestruturas decodificadas por uma leitura regionalista e paisagista”, permitia uma visão social que remete também a ideia de visual, por consequência de estrutura (*Apud.* BONNEMAISON, 2012).

Esta abordagem proposta por Buttmer, nos ajuda a entender as estruturas que formam este *terroir*, de modo que, através deste “visual” supracitado, abriremos brecha para a análise da palavra noção pelo prisma da paisagem, podendo a imagem nos contar muito sobre a estruturação espacial desta localidade, como relembram Bonnemaison (2012) e Dardel (1952).

Nos recordamos que Carl Sauer (1925) holisticamente olhando para estas estruturas definiu paisagem enquanto “uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e humanas” (SAUER, 1925, pp. 187).

O autor complementa:

A geografia baseia-se na realidade na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto nas qualidades físicas da área, que são importantes para o homem e nas formas de seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana. (SAUER, 1925, pp.191).

A citação de Sauer corrobora bem o que é um terroir, e seus componentes que são muito bem observáveis na imagem que segue, uma paisagem de um *terroir*.



Figura 2: *Champagne Cotê des Bar vivier sur ar taut*". Terroir em Champagne-Ardennes. Didier Guy.

Através da análise desta foto, podemos entender melhor o que Sauer expos de maneira teórica. Notemos os elementos físicos e culturais desta paisagem de um *terroir* da região de Champagne-Ardennes. Observemos as construções humanas, perceptíveis nas estradas, vinhas, casas, na igreja. Criam uma cena paisagística ao juntar com o relevo ao fundo, o céu, as árvores. Uma harmonia que permite ao observador contemplar a somatória dos componentes vistas em Barjolle (1998 Apud. RIEUTORT, 2012) e, que pode ser explicada por Sauer:

Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação. Nós afirmamos que eles constituem uma realidade como um todo que não é

expressa por uma consideração das partes componentes separadamente.
(SAUER, 1925, pp. 187).

Sauer relembra que a área “tem forma, estrutura e função” (2012, pp. 187). As formas e estruturas são muito típicas da região de Champagne-Ardennes, elas demonstram o “gênero de vida” vidaliano (VIDAL DE LA BLACHE, 1911), a cultura, e o meio físico da região, onde percebemos relevo, solo, atmosfera. Ou seja, percebemos na paisagem do *terroir* a junção das esferas natural e humana. O *terroir* só pode ser descrito por este todo, por esta realidade, que exige uma leitura dos componentes físicos e humanos em inter-relação. A imagem é então fator chave para o entendimento pois:

Paisagem tem uma definição identidade baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens que constituem um sistema geral. Sua estrutura e sua função são determinadas por formas integrantes e dependentes. Considera-se, portanto, em certo sentido, que a paisagem tem uma qualidade orgânica. (SAUER, 2012 pp.187-188).

As formas presentes no *terroir*, físicas e culturais, são passíveis de análise comparativa mesmo que não conheçamos in loco a área estudada, pela propriedade mental da comparação, ao mesmo tempo notamos que não se separa na paisagem do *terroir* uns elementos de outros. Esta propriedade da imagem, reverberada também a paisagem, permite uma construção do imaginário individual e coletivo, fato muito observado nas obras de Castoriadis (1975) e de Duby (1967).

Por meio da leitura desta paisagem, conseguimos enxergar o que Lefebvre ponderou como a construção do espaço sendo histórica. Fato visto por Sauer que afirmou “Não podemos formar uma ideia de paisagem, a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço” (SAUER, 2012, pp. 198).

Esta passagem nos permite entender que a formação do *terroir* envolve aspectos de uma interação homem-meio ao longo de séculos, em que os tempos, estão

justapostos em camadas, o que Vidal De La Blache denominou camadas de tempo (VIDAL DE LA BLACHE, *Apud.* LIRA, 2014).

Esta definição, derivada dos conceitos de camadas geológicas, permite-nos entender que a o *terroir*, por consequência a sua paisagem, estão num constante processo de desenvolvimento e de dissolução, como ponderou Sauer (1925, pp. 198).

Os resultados destas interações e processos, a paisagem apresenta em si mesma, nas diversas camadas de tempo, com as quais, percebemos permanências, tão bem observadas por Vidal de La Blache (*Apud.* OUZOUF, 2000) ou os “resíduos”, que Cosgrove chamou de “paisagens-relíquia”, que “são pistas para a reconstrução de antigas geografias” (COSGROVE, 2012).

Estas “pistas” estão presentes de diversas formas na paisagem, e permitem que entendamos o processo presente e ao mesmo tempo a diacronia de determinada parcela espacial. Com o *terroir*, percebemos estas permanências ou estes resíduos em momentos diversos, sendo possível afirmar que temos uma paisagem híbrida, capaz de descrever o histórico do físico e do “homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação” (SAUER, 2012, pp. 199).

Se analisarmos na figura, as construções, o relevo, as formas físicas e culturais, entenderemos o conceito de permanências vidalianas e dos resíduos, desta forma, “as ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural” (SAUER, 1925, pp. 199).

A análise da paisagem permite que entendamos o passado, onde em nosso artigo, pela figura 2, percebemos construções datadas de épocas diversas, um relevo, solo, vegetação, que formam este *terroir*, produto das ações da natureza e dos seres humanos, nas palavras de Brunet: “obra dos homens e das forças naturais” (BRUNET, 1972 pp. 339 *Apud.* CLAVAL, 2012, pp. 275).

O *terroir* enquanto geossímbolo

Rapoport (1982) observa que todas as paisagens são simbólicas, mesmo que a ligação entre símbolo e o que representa pode parecer uma ligação tênue (*Apud.* COSGROVE, 1988, pp. 227):

Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas ou grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. (BONNEMAISON, 2012, pp.292).

Este presente artigo dialoga diretamente com esta concepção, sendo o *terroir* e um símbolo francês, de cultura, da tradição e do *heritage* (RIEUTORT, 2012).

Analisando a paisagem que escolhemos (figura 2), notamos os diversos símbolos espaciais, os geossímbolos presentes no local.

Claval aponta que:

Alguns dos elementos tem um papel simbólico, os campanários, os minaretes e as torres foram construídas para ser vistos por todos e para dominar os telhados das casas ao redor. Eles lembram da fé das respectivas populações, a rivalidade do poder municipal e do poder religioso no caso das torres. (CLAVAL, 2012, pp. 253).

As vinhas são no caso um dos geossímbolos mais fortes na imagem 2, elas são atreladas à unidade francesa, a região e ao *terroir*. O produto, em nosso caso a champagne, traz ainda consigo, outras simbologias e representações. De riqueza, de prosperidade, de luxo, de refinamento, a pintura abaixo pode reforçar nossa afirmação.

Notamos como de um geossímbolo surge outro, que o representa de maneira material e imaginária.



Figura 3- “The Oyster Lunch”, Jean-Francoise De Troy, 1735.

Esta é a primeira pintura que se tem notícia, retratando a champagne. Note-mos a pompa, o requinte dos adornos. O piso, as roupas, os gestos, as simbologias, tudo isto reforça a paisagem enquanto uma narrativa, um texto (CLAVAL, 2012, pp.271). Mais uma vez, Nash (1967) nos mostra que a imagem serve e, é um arquivo de pesquisa. Brunet indica que:

A paisagem está repleta de painéis indicadores de identidade do lugar, das direções, das obrigações, de interdição, de autorização, de orientação e de canalização da circulação. (BRUNET, 1992 pp.338 *Apud.* CLAVAL, 2012 pp. 271).

Sautter relembra que a paisagem é o prolongamento e o reflexo de uma sociedade (SAUTTER, s.p. *Apud.* BONNEMAISON, 2012, pp.283).

Tudo isto contado por este quadro, da forma que mais uma vez, recordando de Roderick Nash (1967), vemos na imagem uma fonte de pesquisa muito rica e extremamente importante. Em se tratando de França, o champagne pode ser visto como a representação mais famosa do *terroir*.

Enquanto unidade espacial, as paisagens dos *terroirs*, normalmente bucólicos, com seus vinhedos ao fundo, torres, moinhos, vales e montanhas, formam cena muito reproduzida em quadros, cena esta que traz sentimentos de pertencimento a pátria, a região e ao lugar, e estas “correspondências entre homem e lugar, sociedade e sua paisagem estão carregadas de afetividade e exprimem uma relação cultural no sentido amplo” (BONNEMAISON, 2012, pp. 283).

Claval relembra que determinados objetos da paisagem são elementos de um patrimônio, “cuja preservação parece essencial para preservar a integridade” (CLAVAL, 2012, pp. 265), do grupo, e por consequência reforça a identidade e o “*apartenance*” ao espaço.

Em se tratando do *terroir*, a preservação da noção (conceito), do simbolismo e do afeto, e a exacerbação do vinho, são exacerbações da própria cultura, do espaço e dos “gêneros de vida tradicionais”, relidos por Benôit (1979) como “conjunto de costumes que permite ao grupo que aos pratica assegurar sua existência” (BENÔIT, 1979 *Apud.* BONNEMAISON, 2012, pp. 282).

Ao ver o vinho e o próprio *terroir* enquanto símbolos, retomamos as questões da formação deste espaço, e o conjunto técnica, cultura e tradição, fatores integrantes deste “gênero de vida” (VIDAL DE LA BLACHE, 1911).

O homem é pré-adaptado ao plano biológico [...], mas ele deve seu êxito (se podemos assim dizer) a sua capacidade cultural. O papel que se atribui a cultura aplica-se tanto ao domínio simbólico quanto ao domínio material. [...] O sentido que o homem dá as coisas, torna-se tão importante quanto as coisas. (WADDELL, 1976, pp. 11-17 *Apud.* BONNEMAISON, 2012, pp. 282).

Por métodos indutivos, pensamos que a presença da imagética está presente em diversas formas na paisagem do *terroir*, nos símbolos, signos e nas representações, onde o produto desta interação pode ser visto enquanto uma representação física, cultural e imagética, trazendo os valores da tradição local em sua formulação. Este sentido que se dá ao champagne, torna-se tão importante quanto a champagne

e consegue reverberar as paisagens de Champagne-Ardenne para os outros lugares e regiões.

O *terroir* enquanto lugar e território, (sem deixar de ser paisagem, espaço nem região).

Bonnemaison aponta que o “Espaço não cria identidades, é um vazio alienante que só se humaniza pela mediação cultural” (BONNEMAISON, 2012, [1981], pp. 301).

Pelo “gênero de vida” a tradição, percebe-se esta afetividade, este “*apartenance*” com o espaço, tão falada até o presente momento, este *vécu*, estas conotações de sentimento, fazem que este *terroir* seja entendido como lugar, no sentido que Yi-Fu Tuan (1975) tão bem elaborou.

Onde os símbolos e imagens, a paisagem regional e típica, gere o que Jackson observou a “criação de lugares, e estes lugares, em contrapartida, também criam paisagens” (JACKSON, 1994). Paisagens estas que representam e expressam sentimentos, valores e ideias (COSGROVE, 1993, pp. 8).

Por consequência fortalecem os vínculos e sentimentos para com o espaço vivido, assim geram lugares e possibilitam a geração de territórios, fenômeno observado por Holzer que, partindo de uma reflexão baseada na fenomenologia, observou que o território desenvolvido partindo da dimensão vivida se constitui por lugares (HOLZER, 1997)

Bonnemaison pondera que o “território é subjetividade, afetividade e é vivido” (BONNEMAISON, 2012, pp. 300). Portanto as práticas do ser humano no espaço geram então este sentimento de afeto e pertencimento, sentimentos estes que transformam esta parcela espacial em território e em lugar, ao mesmo tempo.

Assim, notamos como pode o território surgir “por um modo específico de apropriação do espaço, como derivado da cultura” (BONNEMAISON, 2012, pp. 302).

Em suma o *terroir*, culturalmente falando transforma-se em território, e quando pensamos que se vive todo dia, temos o conceito de “espaço vivido”, que

para Frémont “espaço movimento”, ou seja, soma “de trajetos, lugares, o reconhecimento e familiaridade ligada ao cotidiano” (BONNEMAISON, 1981, pp. 292).

Haesbaert explica que a

Dimensão simbólica e mais subjetiva, em que território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. (HAESBAERT, 2001, p.40).

A proteção, a sobrevivência, e o cotidiano, permitem que se crie através deste local, e das práticas do indivíduo, novos símbolos, novas representações, imaginários e imagéticas, que nos permitem ver o “território como lugar de mediação entre os homens e sua cultura” (BONNEMAISON, 2012, pp. 301).

O território é visto como um santuário, um espaço cultural, onde o *terroir* se encaixa, pois é uma forma de proteção e exacerbação da tradição, da cultura, do imaginário que foi produzido ao longo dos tempos, de geração em geração pelos indivíduos e pelo grupo.

Este *terroir* é geossimbólico, por permitir aos habitantes e nativos a conservação cultural e física (ambiente) e a comunhão com signos e valores, com passado e presente (BONNEMAISON, 2012, pp. 293).

Considerações finais e desafios futuros

Ao operar com os cinco conceitos de uma maneira taxonômica, visando apenas facilitar a vida do leitor, notamos no *terroir* a necessidade de fazê-lo, também, por intermédio da imagem.

Por questões de entendimento, por questões de metodologia e por questões de pensamento. As imagens corroboram para fortalecer uma visão, uma teoria ou uma abordagem, sendo para a geografia, fatores que permitem que encontremos a dedução de que nossos conceitos surgem uns dos outros, do lugar se forma todos, como acreditava Dardel (1952), da paisagem se percebe os outros, do espaço, da região ou do território.

Da mesma forma, as intersecções entre eles são tão tênues que possivelmente se tirássemos esta taxonomia da nomenclatura, cada leitor leria pelo seu viés epis-

temológico e metodológico. Sim, esta “palavra-noção” tem este poder, tem estas características, história atrelada ao “tipo” e ao “aspecto”, ao natural e ao cultural, é híbrido em sua natureza, em sua formação original. Vemos o *terroir* como uma prova que físico e humano são fatores inseparáveis para a construção, estudo e compreensão, do espaço.

Podemos desta forma somente lançar desafios futuros que se baseiem em novas leituras e na busca permanente pelo entendimento do *terroir*, muito pelo seu poder de proteger os lugares e suas peculiaridades contra a corrente de homogeneização imposta pelo capital e pelos interesses de elites hegemônicas, como Harvey descreve (2012). Também por ser um museu-vivo da cultura local, da formação de um ambiente e de uma sociedade.

Temos no terroir um geossistema composto como diria Dardel (1952) como uma síntese ou um resultado das “interações entre o espaço telúrico, o espaço aéreo, o espaço aquático e o espaço construído” (DARDEL, 1952 *Apud.* HOLZER, 2013).

Referências Bibliográficas

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. **A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno.** An. mus. paul., São Paulo , v. 13, n. 2, p. 21-72, Dec. 2005. Acesso em 27 July 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000200003>.

BONNEMAISON, Joël (2012). “Viagem Em Torno Do Território.” **Geografia Cultural: Uma Antologia**, Vol. 1, Roberto Lobato e Corrêa Zeny Rosendahl (eds.), SCIELO - EDUERJ, Rio De Janeiro, 2012, pp. 279-304.

BONNEMAISON, Joël. Voyage autour du territoire. **L'espace géographique**, Paris, v. 10, n. 4, p. 249-262, 1981.

BLUME, Roni; SPECHT, Suzimary: “O terroir e a construção de uma base de recursos estratégicos: um framework aplicado a cadeia vitivinícola”. 2010. **Apresentação oral**. Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais.

CASTORIAIDIS, Cornelius (1975). **A instituição imaginária da sociedade**. Paz e Terra, 418 pp.

COELHO-COSTA, E. R. ; CORIOLANO, L. N. M. T. . O uso do terroir e das Indicações Geográficas no turismo enogastronômico.. In: XI Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo - APPTUR., 2014, Fortaleza-CE. **Anais XI Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo - APPTUR., 2014**. v. 10. p. 1-20.

COSGROVE, D. **The palladian landscape. Geographical change and its cultural representations in sixteenth century Italy**. University Park, Pennsylvania State University Press, 1993.

COSGROVE, Dennis (2012) [1988]. **A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In Lobato R. & Rosendahl C. (Eds.), Geografia cultural: Uma antologia, Vol. 1 (pp. 219-238). Rio de Janeiro: SciELO - EDUERJ.

CLAVAL, P., “**A Paisagem dos Geógrafos**”. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (orgs.). Paisagens, Textos e Identidades. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

CLAVAL, P. “**A Paisagem Dos Geógrafos.**” **Geografia Cultural: Uma Antologia**, Vol. 1, edited by Roberto Lobato and Corrêa Zeny Rosendahl, SciELO - EDUERJ, Rio De Janeiro, 2012, pp. 245-276.

DARDEL, E. **L’Homme et la terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

DUBY, Georgés (1978): **As Três Ordens ou o imaginário do Feudalismo**, Editorial Estampa, Lisboa.

FERREIRA, Álvaro. A produção do espaço: entre dominação e apropriação. Um olhar sobre os movimentos sociais. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona**, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (15). [ISSN: 1138-9788]

FERRÃO, João: “**Regiões Funcionais, Relações urbano-rurais e política de coesão pós-2013**”, 2012. Relatório final. Programa Operacional de Assistência Técnica, Quadro Referência Estratégico Nacional, Portugal 2007-2013. 104 pp.

HOLZER, Werter, 1997. **A Influencia de Eric Dardel na construção da geografia humanística norte americana**. Disponível em <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2010/11/werther-holzer.pdf>

HOLZER, Werter, Sobre Territórios e Lugaridades. Cidades: **Revista Científica**, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013.

HAESBAERT, R, **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/ transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David: “**Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution**”, 2012, Martins Fontes, 153 pp.

HUMBOLDT, Alexander von; BOMPLAND, Aimé (1805): **Essai sur la Géographie des Plantes accompagné d'un tableau physique des régions équinoxiales. Fondé sur des mesures exécutées, depuis le dixième degré de latitude boréa-**

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 55-76, jan.-jun. 2019

le jusqu'au dixième degré de latitude australe, pendant les années 1799, 1800 1801, 1802 et 1803. Avec un planche. Paris, Tübingen: Schoell, Cotta (Voyage de Humboldt et Bonpland, Partie 5). Disponível em <https://www.avhumboldt.de/?p=11781>

JACKSON, J.B. **“A Sense of Place, A Sense of Time”**. New Haven, CT: Yale University Press, 1994.

LIRA, Larissa Alves, (2012) “O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de La Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)”. **Tese de mestrado**, Universidade de São Paulo (USP).

LIRA, Larissa Alves, « **A Concepção de Tempo Geográfico do Mediterrâneo de Vidal de la Blache** », Confins [En ligne], 22 | 2014, mis en ligne le 26 novembre 2014, consulté le 12 août 2019. URL : <http://journals.openedition.org/confins/9781> ; DOI : 10.4000/confins.9781

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4^{ème} ed. Paris: Anthropos, 2000.

MAXIMIANO, Liz Abad. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM. Raega - **O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 8, dez. 2004. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391>>. Acesso em: 12 ago. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/raega.v8io.3391>.

NASH, Roderick Frazier, 1967, “Wilderness and the american mind”, Yale University Press, 2001 (4 a. Edição) - 413 páginas

OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic; ROBIC, Marie-Claire. Un Tableau à vif... **La réception du Tableau de la Géographie de a France de Paul Vidal de la Blache**.

In: ROBIC, Marie-Claire (dir.). Le Tableau de la Géographie de la France de Paul Vidal de la Blache. Paris: CTHS, 2000.

RIEUTORT, Laurent. “Terroir”. **Hypergeo, Libergéo**, 2012, pp.1-2.

SANTOS, M. 1978. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo : Hucitec.

SANTOS, Milton A **Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. Hucitec, São Paulo, 1996. (3ª edição: 1999)

SARANTAKOS, Demétrios (2016), Revisitando A Revista de Geografia Brasileira: A Contribuição de Percy Lau para a Geografia Brasileira. **Monografia**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro Orientador: Profa. Dra. Inês Aguiar de Freitas

SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SAUER, C.O “A Morfologia Da Paisagem.” **Geografia Cultural: Uma Antologia**, Vol. 1, edited by Roberto Lobato and Corrêa Zeny Rosendahl, SciELO - EDUERJ, Rio De Janeiro, 2012, pp. 181–218.

TONIETTO, Jorge: “Afimial, o que é terroir?”. Artigo, **Revista Bom Vivant**, Abril 2007. Pp. 8.

TUAN Yi-Fu: “Place: An Experiential Perspective”. **Geographical Review**, Vol. 65, No. 2. 1975, pp. 151-165.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul: “Tableau de la géographie de la France”. Paris: La Table Ronde, 1994 [1903]

VIDAL DE LA BLACHE, Paul, 1911 “ Les genres de vie dans la Geographie Humaine”- Premier article, **Annales de Géographie**, n. 111, ano XX, tomo 20;

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 55-76, jan.-jun. 2019

IMAGENS

Figura 1- BOURON, Jean-Benôit, 2005, ONIVIN, TERUTI. Mapa das Regiões Viticultoras da França. Disponível <cartotheque.free.fr> Acesso 12-08-19

Figura 2- GUY, Didier (s/d) “*Champagne Cotê des Bar vivier sur ar taut*”. Disponível <<https://www.visitfrenchwine.com/en/product/lindseys-itinerary>> Acesso 12-08-19

Figura 3- DE TROY, Jean-François, 1735, “*The Oyster Lunch*” Disponível <<https://beautyofbaroque.wordpress.com/2012/07/30/the-oyster-lunch-1735-by-jean-francoise-de-troy/>>Acesso 12-08-19

Recebido em 11 jan. 2019

Aceito em 3 mar. 2019.